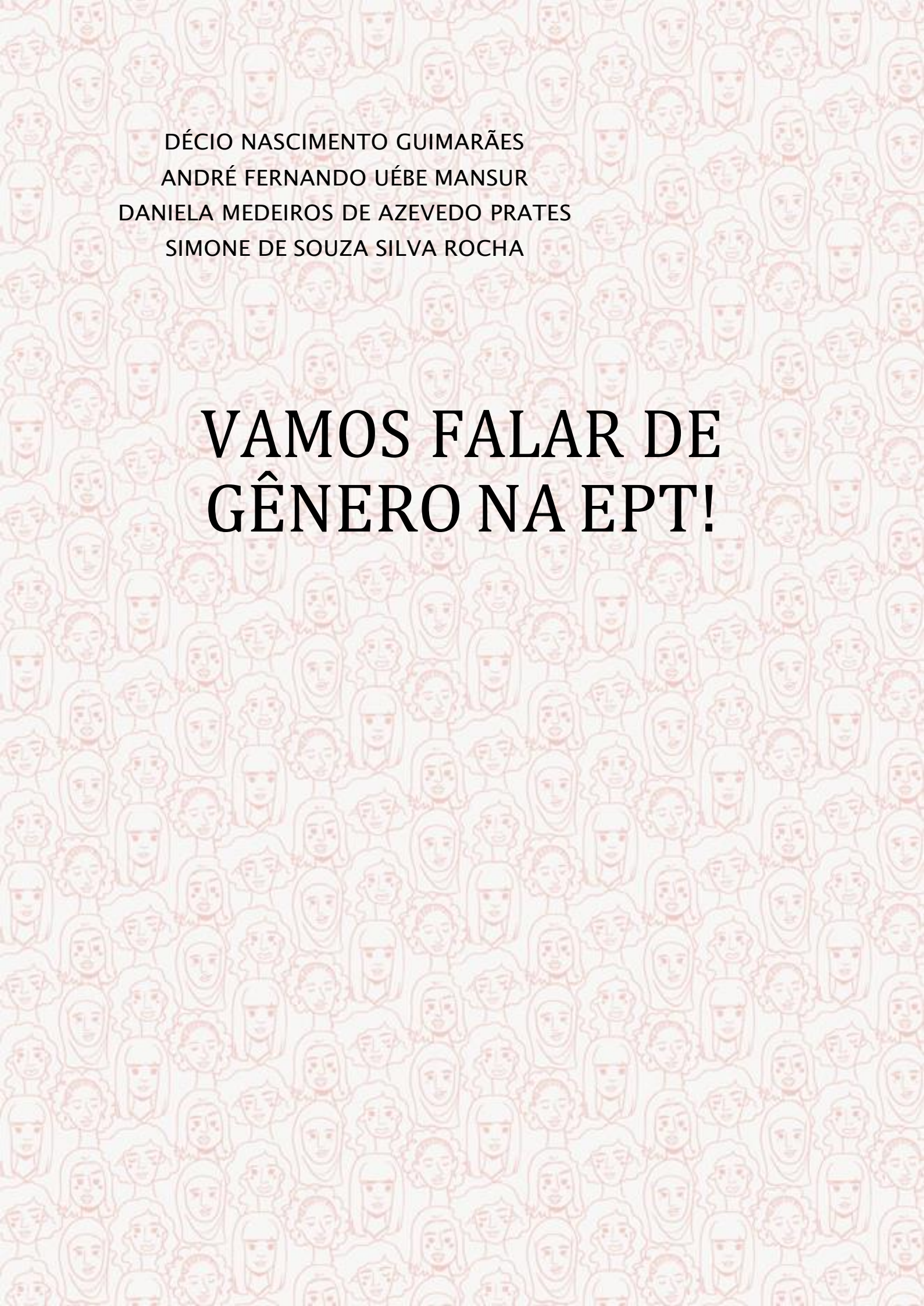




**VAMOS FALAR DE
GÊNERO NA EPT!**



DÉCIO NASCIMENTO GUIMARÃES
ANDRÉ FERNANDO UÉBE MANSUR
DANIELA MEDEIROS DE AZEVEDO PRATES
SIMONE DE SOUZA SILVA ROCHA

VAMOS FALAR DE GÊNERO NA EPT!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672v

Rocha, Simone de Souza Silva, 1983-.

Vamos falar de gênero na EPT! / Simone de Souza Silva Rocha. — Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

31 p. : il. color.

Produto educacional proveniente da dissertação intitulada: A presença de mulheres na Educação Profissional: um olhar sobre as relações de gênero na Educação Profissional e Tecnológica em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de um Instituto Federal (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

Inclui referências.

1. Ensino Profissional. 2. Mulheres – Educação – Brasil - História. 3. Mulheres – Condições sociais. 4. Ensino integrado - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. 5. Discriminação de sexo na Educação. I. Guimarães, Décio Nascimento, 1976-, orient. II. Mansur, André Fernando Uébe, 1973-, coorient. III. Prates, Daniela Medeiros de Azevedo, 1978-, coorient. IV. Título.

CDD 373.246

(23. ed.)

APRESENTAÇÃO



Este produto é parte integrante da dissertação intitulada “A presença de mulheres na educação profissional: um olhar sobre as relações de gênero na Educação Profissional e Tecnológica em cursos técnicos integrados de um Instituto Federal”, de Simone de Souza Silva Rocha, mestrande do IFF campus Campos Centro. Seu objetivo é levantar questões e realizar trocas sobre a temática de gênero para levar os alunos e as alunas da instituição a compreenderem a importância da educação para a diversidade.

Nesta pesquisa, assim como Freire (2019), entende-se que o conhecimento ligado à ação-reflexão transforma a realidade, mas também que deve chegar ao contexto da educação de maneira contextualizada e problematizada, levando os sujeitos a incidirem sobre a realidade para transformá-la.

Para a materialização do produto educacional, foi confeccionado um guia didático em formato digital para professores, o qual terá o objetivo de fomentar o trabalho sobre gênero a partir da utilização de estratégias pedagógicas em formato de oficinas.

O guia está dividido em duas partes. Na primeira abordaremos a temática escolhida com embasamento teórico pautado em pesquisadores como Lins, Machado e Escoura (2016), Beauvoir (2019) e Mead (2014). A segunda contém o planejamento e a execução das oficinas, que serão divididas em cinco unidades didáticas.



CONTEÚDO

UNIDADE 1

- 4 APRESENTAÇÃO
- 6 SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO
- 9 OS MOVIMENTOS FEMINISTAS
“RESISTIR PARA EXISTIR”
- 11 O PAPEL DA ESCOLA PARA IGUALDADE
DE GÊNERO

UNIDADE 2

- 14 ORIENTAÇÕES GERAIS
- 15 OFICINA 1: Desmistificando o papel de
gênero
- 18 OFICINA 2: Educação para todos? Nem
sempre foi assim!
- 22 OFICINA 3: As reivindicações históricas
dos movimentos feministas: “resistir
para existir”
- 27 OFICINA 4: Precisamos falar com os
homens?
- 29 QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO
PRODUTO EDUCACIONAL

SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO



A sociedade definiu que homens e mulheres devem ter comportamentos diferentes. Por exemplo: “menino não chora” e “toda mulher quer ser mãe”. Isso provocou uma reprodução de estereótipos de gênero, os quais têm as diferenças biológicas como justificativa. No entanto, se analisarmos um grupo de mulheres e de homens, perceberemos que nem todos se comportam da mesma maneira. Logo,

não é da natureza dos homens ou das mulheres, mas uma normatização social, uma vez que fazemos o que sociedade espera de nós (LINS;MACHADO, ESCOURA, 2016).

Sendo assim, Scott (1995, p. 75) afirma que “o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais a criação, inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Podemos constatar que as diferenças percebidas entre homens e mulheres são construções sociais. Numa pesquisa feita em 1930, antes de existir o conceito de gênero, a antropóloga Margaret Mead fez um estudo com três sociedades diferentes e constatou que, em diferentes contextos, os papéis e comportamentos de homens e mulheres são concebidos de formas diferentes. No entanto, não são os aspectos biológicos que determinam totalmente os comportamentos femininos e masculinos, mas a cultura na qual cada indivíduo está inserido (MEAD, 2014).

Beauvoir (2019), em sua celebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, reforça o caráter eminentemente social do ser mulher. Para ela, “o homem é o sujeito, o absoluto, e a mulher é o outro (BEAUVOIR, 2019, p. 13).

Para a autora, “os dois sexos partilharam o mundo em igualdade de condições” (BEAUVOIR, 2019, p. 17). Essas considerações reforçam que os papéis e comportamentos atribuídos a homens e mulheres são bases para muitas desigualdades.

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito do que suas concorrentes recém chegadas. Ocupam, na indústria, na política etc, maior número de lugares e os postos mais importantes [...]. (BEAUVOIR, 2019, p. 17).

Embora não se possa constatar em que momento da história da humanidade ocorreu a diferenciação entre os sexos, Perrot (2020,p. 221) destaca que “o sufrágio universal acentuou a tendência de separação entre os sexos, na medida em que a educação, política do povo pelo direito de voto por muito tempo só se dirigiu ao homem”.

Esses direitos, que a priori foram concedidos apenas a homens, acabaram gerando uma sociedade a qual tem a desigualdade de gênero em sua base.

Lins, Machado e Escoura (2016, p. 16) afirmam que o termo desigualdade de gênero se refere “às relações de poder, privilégios ou hierarquia sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres ou entre masculinidade e feminilidade .”

Essas desigualdades, numa perspectiva histórica e cultural, foram enraizadas nas estruturas sociais de modo que as diferenciações entre os sexos são vistas como naturais hoje.

Nesse sentido, Scoot (1995, p. 86) traz a definição gênero em duas categorias. Ela define o primeiro gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...]” e destaca a segunda proposição da seguinte maneira: “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Essas relações de poder são desiguais, constituindo uma hierarquização entre homens e mulheres. Um exemplo de que as diferenciações de gênero se constituem como desigualdades: basta observar o magistério, como constata Lins; Machado e Escoura (2016). Isto é, pois a feminização da área provocou uma desvalorização dos profissionais que nela atuam. Os autores salientam:

Assim, a constante desvalorização histórica de muitas profissões consideradas “femininas”, nos mostra o quanto há de desigualdade entre as representações da feminilidade e as da masculinidade. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 18).

Vale ressaltar que essas desigualdades perpassam os muros escolares, pois os comportamentos esperados de homens e mulheres dentro das instituições estão relacionados aos papéis de gêneros a eles atribuídos socialmente. Quantas meninas são desencorajadas a cursarem cursos que historicamente são vistos tais quais masculinos? Quantos meninos são desencorajados a fazerem cursos que historicamente passaram por uma feminização?

Portanto, é preciso desmistificar os papéis e comportamentos definidos para homens e mulheres para que ambos possam ter possibilidades de aprendizagens iguais, sem limitações.

OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

“RESISTIR PARA EXISTIR”



O que significa feminismo? É um movimento cuja luta tem o objetivo de garantir os direitos, desenvolvidos entre os séculos XIX e XX, das mulheres. Conhecido como o movimento feminista, teve três fases, ao que teóricos denominam de ondas ou movimento feminista. É definido como movimento por não ser estático, mas dialético. Isto é, pois suas pautas se alteram conforme as reivindicações. Também é tido como ondas porque “começam difusas e, aos poucos (ou de repente), se avolumam” (DUARTE, 2003 apud SARTÓRIO; PRATES; FERREIRA, 2017).

Na primeira onda do feminismo, a principal reivindicação era o direito ao voto, mas a garantia do direito à propriedade também fazia parte da pauta, uma vez que as mulheres, em muitos países, não podiam ser donas de bens nem de propriedades (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Consequentemente, se só houvesse filha mulher em uma família e o pai morresse, essas não teriam direito de administrar os bens da família. Em 1930, o movimento feminista perdeu força, aparecendo com importância em 1960. Nesse período, teve a liberação feminina como pauta de discussão principal (PINTO, 2010).

É nesse contexto que o feminismo conta com a participação de militantes feministas e estudiosas, docentes e pesquisadoras da academia. Essa aproximação com as acadêmicas fez com que as pautas do movimento não só resultassem em marchas e protestos públicos como também provocou certa preocupação com a teorização das questões femininas. Foi dessa forma que surgiu a

“história das mulheres” (LOURO, 2014).

Esse novo movimento também foi marcado por algumas obras que hoje são clássicas, como “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir (1949), e “A mística feminina”, de Betty Friedman (1963). Além disso, também foi engendrado um novo conceito: o de gênero (LOURO, 2014). Esse “se dissocia do sexo para afirmar o caráter cultural do significado atribuído a homens e mulheres nas sociedades, reforçou a desbiologização e a desnaturalização na constituição do sujeito mulheres [...]” (MARTINS, 2015, p. 241).

O fortalecimento das lutas femininas, sobretudo a partir da década de 70, fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) instituísse, em 1975, o Ano Internacional das mulheres. Isso foi possível através de uma assembleia geral para debater a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Tal evento foi tão impactante que, de 1976 a 1985, declararam “A década da mulher”.

Na década de 1990, a terceira onda do feminismo foi iniciada, a qual tem a questão da pluralidade e da

diversidade entre as mulheres como marco principal. Desse modo, essa fase coloca em xeque a categoria mulher justificada pela heterogeneidade. Nesse contexto, o feminismo sofreu influência da teoria queer, que tem como expoente a autora Judith Butler (1956), a qual discute o binarismo masculino/feminino e propõe uma resignificação das identidades.

Ainda no contexto de terceira onda, o feminismo negro advoga suas causas. Isto é, pois, além de enfrentar a discriminação de gênero, precisa combater a desigualdade com relação ao racismo (SARTÓRIO; PRATES; FERREIRA, 2017).

Atualmente, os autores afirmam que estamos vivendo a quarta onda do feminismo, na qual as lutas e as reivindicações ocorrem via redes sociais, permitindo que as pessoas se encaminhem para além das ruas. Isso gera uma amplitude mais significativa.

Por meio das redes, as mulheres narram seu cotidiano, suas opressões e lutas diárias, mobilizando e sensibilizando outras mulheres. Além disso, as feministas usam esse recurso para convocar as outras para se mobilizarem e irem às ruas com o objetivo de protestar por causas

políticas e sociais (VARGAS;
SARAIVA, 2019).

O PAPEL DA ESCOLA PARA IGUALDADE DE GÊNERO



Como instituição social, a escola tende a repercutir e a reproduzir as desigualdades sociais, inclusive a de gênero, além de produzir corpos escolarizados, moldando o modo do outro estar no mundo, distinguindo meninos de meninas que passaram pelos bancos escolares.

Para Louro (2014, p. 66), “[...] a escola continua imprimindo sua ‘mar-ca distintiva’ sobre os sujeitos [...]”. Isso acaba demonstrando que somos

diferentes e essas diferenças podem gerar a desigualdade.

Ferreira (2014, p. 66) discorre sobre a necessidade de se problematizar as realidades de gênero para que tais questões não sejam vistas como naturais, mas que haja “uma compreensão crítica dos processos de desigualdade”.

Conforme Ferreira (2014), faz-se necessária, no âmbito da educação, “a construção de novas relações



culturais referentes às condições das mulheres e dos homens na sociedade”. Isto é, uma vez que, tal qual destaca Auad (2006, p. 55), “sem maiores reflexões pedagógicas sobre as relações de gênero, pode redundar em aprofundamento das desigualdades”.

Nessa perspectiva, cabe às instituições escolares de educação básica, como a de Educação Profissional e Tecnológica, problematizar a realidade por meio de ação e reflexão.

Para tanto, “necessitamos de meios teóricos que contribuam para que a análise da prática seja verdadeiramente reflexiva” (ZABALA, 1998, p. 12).

A discussão da relação de gênero na educação básica e profissional quanto à sua aplicabilidade contribuir para a construção de uma sociedade que respeita o que é diverso, possibilitando que homens e mulheres se tornem cidadãos e cidadãs com acesso a mais oportunidades.

REFERÊNCIAS:

AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. 1908-1986 – O segundo sexo: fato e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FERREIRA, Maria Mary. Relações de Classe e Gênero na Escola: revisitando conceitos de igualdade, desigualdade, diferença, classe e gênero. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 7, n. 12, p. 57-68, jan./abr. 2014.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. Revista Café com Sociologia, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015.

MEAD, Margareth. 1901-1978 - Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PERROT, Michelle. 1928 - Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SARTÓRIO, Francieli Duarte Vieira; PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo; FERREIRA, Samir Dessbsel. Jovens feministas: um estudo sobre o feminismo no Instituto Federal Sul-rio-grandense. Revista Thema, v. 14, n. 3, p. 20-36, 2017.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ORIENTAÇÕES GERAIS

TÍTULO	Apresenta o título das oficinas a serem desenvolvidas.
CONTEÚDOS	Propõem os conteúdos que serão trabalhados nas oficinas.
OBJETIVO	Descreve os objetivos pretendidos.
PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO	Explica como as oficinas serão desenvolvidas, incluindo as atividades práticas e o conhecimento teórico envolvido.
RECURSOS DIDÁTICOS	Representa os materiais que serão utilizados para o desenvolvimento das oficinas.
AVALIAÇÃO	Simboliza o momento de avaliação das oficinas.
REFERÊNCIAS	Compreende os referenciais teóricos utilizados em cada oficina.
TEMPO ESTIMADOS	Estima-se uma hora e trinta minutos para cada oficina.



OFICINA 1

AS REIVINDICAÇÕES HISTÓRICAS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS: “RESISTIR PARA EXISTIR”



Justificativa

É necessário que as alunas e os alunos conheçam tanto a história do feminismo quanto o desafio das mulheres no século XXI para que reflitam sobre os direitos que elas têm na atualidade, os quais nem sempre fizeram parte da realidade delas no Brasil. Fora que, apesar de algumas conquistas, como o direito ao voto, as mulheres seguem lutando para que novos direitos importantes sejam conquistados de fato. Um exemplo é o amparo legal contra o feminicídio, pois, além de lutarem por visibilidade na política e em outros setores, tem crescido o número de casos de violência contra as pessoas do sexo feminino nos últimos anos.

Objetivo

Reconhecer a importância dos movimentos feministas para a conquista dos direitos das mulheres e os desafios que enfrentam no século XXI.

Conteúdo

Linha do tempo do papel feminino: a mulher não podia participar da política. Por conta das lutas feministas, ganharam visibilidade e passaram a ter direito ao voto no final do século XIX. Entretanto, esse direito ainda não contemplou a todas. Na década de 60/70, ocorreu a segunda onda, cuja grande responsável foi Simone de Beauvoir, com a célebre frase “Não se nasce mulher: torna-se mulher”. A principal pauta está relacionada ao trabalho. Já na terceira onda, são diversas bandeiras, como os movimentos feministas negros.

Recursos necessários

- Power Point (Vídeo).

1. Apresentação da proposta de trabalho

Neste momento, a aplicadora explica o objetivo da oficina e a atividade proposta: construção de um mapa conceitual sobre o movimento feminista.

2. Colocando a mão na massa!

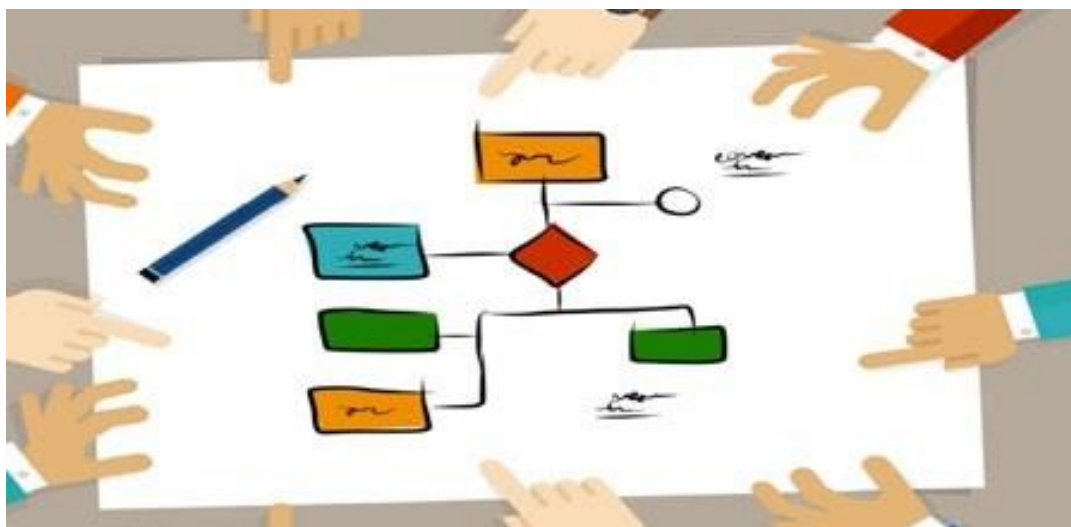
Roda de conversa

Assista ao vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=5n9y-mQlvrk&t=86s>

Após assistirem aos vídeos, a pesquisadora explicará o que é um mapa conceitual e será sugerido que as alunas construam essa ferramenta sobre os movimentos feministas.

3. Atividade: CONSTRUA UM MAPA CONCEITUAL SOBRE OS MOVIMENTOS FEMINISTAS



Aprofundando conceito

Minhas concepções sobre o feminismo são estas:

Quais direitos garantidos as mulheres causaram maior impacto na sua vida?

OFICINA 2

DESMISTIFICANDO OS PAPÉIS DE GÊNERO



Justificativa

Tratar essa temática é uma necessidade educativa, uma vez que a escola, como instituição de ensino, é um espaço formativo que muitas vezes desconsidera as particularidades de cada indivíduo e as questões de gênero em função de uma falsa neutralidade. Entretanto, no que diz respeito ao comportamento e aos percursos formativos dos alunos, estão intrinsecamente ligados ao esperado de homens e mulheres, ou seja, há uma expectativa marcada pelo gênero. Assim, faz-se imprescindível discutir esta assunto para que a escola possa não ser um mecanismo limitador da aprendizagem.

Objetivo

Desmistificar a ideia de que as diferenças de papéis entre homens e mulheres são determinações biológicas.

Conteúdo

Gênero como construção histórica e social das diferenças sexuais que foram transformadas em desigualdades.. Análise de como esse conceito produz posições de desigualdade entre as pessoas.

Recursos necessários

Análise da letra da música e do vídeo;

PowerPoint (vídeo com a música “Maria, Maria”, interpretada por Elis Regina);

Celular (gravação das discussões propostas).

DESMISTIFICANDO OS PAPÉIS DE GÊNERO

No primeiro encontro, a proposta das oficinas e os objetivos serão apresentados. Em seguida, pretende-se provocar o debate sobre a temática “desmistificando os papéis de gênero” a partir do vídeo “Vida de Maria”. Depois, será proposto que os alunos escutem a música “Maria, Maria” que, diferentemente do vídeo, o qual representa o papel da mulher como determinação da própria “natureza feminina”, traz outra forma de constituição da mulher de maneira literal em virtude dos aspectos macrosociais que a cerca. Sobretudo a oriunda da camada popular.

COLOCANDO A MÃO NA MASSA!

1. Discussão em grande grupo com contrapontos do curta metragem “Vida de Maria” com a música “Maria, Maria”.
2. Vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4

3. Música:

<https://www.youtube.com/watch?v=xZOVpClGtnw>

Este vídeo discute a naturalização do papel da mulher ao alegar que ela está destinada a ser esposa e mãe. Sendo assim, sem nenhuma reflexão crítica sobre os papéis de gênero imposta a ela, a personagem acaba por deixar seu sonho de lado: aprender a escrever.

[illegible]

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. 1908-1986 - O segundo sexo: fato e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016

MEAD, Margareth, 1901-1978 - Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 2015.

OFICINA 3

EDUCAÇÃO PARA TODOS! NEM SEMPRE FOI ASSIM



Justificativa

As ideias contidas nesta oficina buscam instigar as alunas e os alunos a refletirem sobre o lento processo de inserção da mulher na educação formal e na ciência, tecnologia e inovação, bem como têm em vista seu impacto na representatividade feminina nesses espaços. Nesta proposta, os alunos e as alunas irão expor suas percepções quanto à formação feminina e às possibilidades ou não de ascensão no mundo do trabalho.

Objetivos:

Analisar o processo histórico de exclusão da mulher do sistema educacional e sua inserção em escolas exclusivamente femininas, com currículo diferenciado das destinadas aos homens. Também se busca examinar essa segmentação na Educação Profissional.

Conteúdos:

A inserção da mulher no sistema educacional e a segmentação do ensino na EPT, bem como os estereótipos que fazem parte da nossa cultura, fazendo-nos pensar na profissão a partir da ideia de gênero.

Recursos necessário

- Folhas A4;
- Power Point (Vídeo).



Apresentação da proposta de trabalho

Pretende-se iniciar a oficina com um vídeo no qual há uma roda de conversa em que se discute sobre a participação da mulher na ciência, tecnologia e inovação. O material traz questões bastante pertinentes quanto à sub-representação das mulheres nas ciências, sobretudo nas exatas, e a invisibilidade feminina segundo os dados apresentados. Em seguida, tem-se em vista propor o jogo “Quem sou eu?”, previamente produzido, para permitir que as alunas evoquem quem estaria ocupando aquelas profissões. Para tanto, espera-se que indiquem nome e características a partir de suas vivências, suas experiências e sua cultura.

COLOCANDO A MÃO NA MASSA!

CARTA: ADVINHE O QUE É

Características: Joga futebol Ganhou três prêmios da FIFA Jogou no Santos em 2010	Homem () Mulher () Sugira um nome: Dê características de pessoas que jogam futebol: _____
Características: Iniciou sua carreira na TV Gazeta Sua paixão é a culinária Apresenta programa de culinária	Homem () Mulher () Sugira um nome: _____ Dê características de pessoas que gostam de cozinhar: _____
Características: Participou de um <i>reality</i> show Iniciou sua carreira dirigindo ônibus de boia fria Militante do movimento sem terra	Homem () Mulher () Sugira um nome: _____ Dê características de motoristas de caminhão: _____
Características: Destaca-se no mercado da moda e beleza Participa do Programa Esquadrão da Moda Destacou-se em 2020 como influenciador digital de beleza no Brasil	Homem () Mulher () Sugira um nome: ----- Dê características de pessoas que geralmente se destacam no mercado da moda e beleza _____



Questões para refletir

» Que imagem é evocada quando você pensa em determinadas profissões? Indique nome e características a partir de suas vivências, suas experiências e sua cultura.

» Algumas profissões foram naturalizadas como femininas e masculinas historicamente?

» O gênero influencia na escolha de cursos técnicos?

Roda de conversa

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ec1HU5s383w>

Após assistir vídeo, a aplicadora propõe as questões para reflexão.

Sugestão de questões para discussão

» Que considerações sobre a participação das mulheres na ciência e tecnologia podemos fazer a partir desse vídeo?

» A partir do que foi explicitado no vídeo, que medidas podem ser tomadas para estimular as meninas nas áreas de ciência, tecnologia e exatas?

- 
- » Na sua opinião, quais são as barreiras que impedem que mais mulheres se dediquem à ciência, às exatas e à inovação?
 - » Vocês consideram que homens são mais aptos que as mulheres quando se trata do ingresso nas áreas de ciências, tecnologia e inovação? Por quê

Atividade

4. **Discussão sobre a sub-representação das mulheres nas ciências, sobretudo nas exatas, e a invisibilidade feminina, segundo dados apresentados no vídeo.**

OFICINA 4

PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS?



Justificativa

A ideia é trazer uma reflexão sobre os impactos negativos das expectativas de gênero também nos homens. Geralmente, espera-se que homens escolham suas profissões, seus relacionamentos amorosos e conduzam sua vida de acordo com as normas de gênero. Toda vez que uma pessoa diz “Isso não é coisa de homem”, está contribuindo para a reprodução de uma sociedade machista. Então, como ser homem e mulher nessa estrutura de classificação, uma vez que ela não contemplará as várias possibilidades de ser e de estar no mundo? Nesse sentido, falar sobre o gênero masculino e o feminino faz-se importante na Educação Profissional e Tecnológica pois, nessa modalidade, alguns cursos historicamente foram pensados para a formação de técnicos estritamente masculinos, contribuindo para a formação de nichos masculinos e femininos dentro dos cursos. Sendo assim, ao criarem expectativas de como mulheres e homens devem agir e se comportar, limitam suas possibilidades de existir no mundo.

Objetivo

Releir, a partir do documentário “Precisamos falar com homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”, sobre a desigualdade de gênero e a possibilidade de ampliar e existir no mundo.

Conteúdo

Gênero e expectativa de gênero.

Recursos necessário

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=LBB029RxJA0&t=2740s>

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

A partir do documentário “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”, será feita uma reflexão sobre a diversidade presente no contexto educacional. Em seguida, será proposta uma discussão com o objetivo de questionar os alunos e as alunas sobre representações do feminino e masculino, problematizando como padrões e papéis preestabelecidos socialmente são construções sociais e não biológicas.

COLOCANDO A MÃO NA MASSA!



Avaliação final

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

- 1. As oficinas foram relevantes para mudanças de paradigmas quanto ao pensar as relações de gênero? Sim () Não () Por quê?**

- 2. Você acha que discutir assuntos sobre gênero pode acarretar mudanças nas estruturas conservadoras das instituições que naturalizam as desigualdades como se elas fossem consequência de fatores biológicos?**

Sim () Não () Por quê?

3. Você gostaria que houvesse mais ações, palestras e discussões em relação à temática proposta nas oficinas na instituição em que você estuda? Sim () Não () Por quê?

4. As oficinas contribuíram para sua formação enquanto pessoa? Por quê?

5. Dê uma nota de 0 a 5 para as oficinas das quais você participou. Por que escolheu esta nota?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5
